



PRECONCEITO NO ESPORTE: CASOS DO VOLEIBOL.

MARIA RAYLLAND NAZÁRIO DA SILVA
STEPHANNEY K. M. S. F. MOURA
DIEGO TRINDADE LOPES

RESUMO

O preconceito no contexto esportivo não é um assunto recente e merece ser discutido, pois a crescente discriminação, a homofobia e as formas estereotipadas de tratamento para os sujeitos pertencentes as categorias menosprezadas têm sido comuns nas quadras, na mídia e na sociedade. O presente estudo tem como objetivo identificar o preconceito existente no esporte voleibol com atletas homossexuais e transexuais e se esse preconceito é reflexo da sociedade. Utilizamos a revisão narrativa para pesquisar sobre o tema em diversas fontes para compreender melhor o preconceito dentro da sociedade. Concluímos que o preconceito contra a prática por homossexuais no esporte é pouco relevante hoje em dia, porém o preconceito contra transexuais é bastante visível, com muita falta de informação e embasamento científico, o que reflete a sociedade atual em que vivemos.

Palavras chave: Preconceito, esporte, voleibol

ABSTRACT

Prejudice in the sporting context is not a recent issue and deserves to be discussed, as increasing discrimination, homophobia, and stereotyped forms of treatment for subjects belonging to disparaged categories have been commonplace in the courts, in the media, and in society. The present study aims to identify the prevailing prejudice in sport volleyball with homosexual and transsexual athletes and if this prejudice is a reflection of society. We use narrative review to research the subject from a variety of sources to better understand prejudice within society. We conclude that the prejudice against homosexuals practice in sport is not relevant today, but the prejudice against transsexuals is quite visible, with a lot of information and scientific background, which reflects the current society in which we live.

Key words: Prejudice, sport, volleyball

1 INTRODUÇÃO

Segundo Moreira, (2005) O esporte é uma atividade antiga que com o passar dos anos foi assumindo diferentes funções de acordo com a civilização e a época, sempre influenciado pela cultura. O conceito de esporte se modifica na medida em que a sociedade muda seus valores e princípios (SOUTO, 2016).



Historicamente os esportes sempre estiveram conectados aos comportamentos masculinos, desde os primeiros jogos olímpicos. O esporte em Roma e na Grécia também mantinham essas características. (CARVALHO et al., 2017).

Os esportes ainda são considerados atividades do domínio masculino ou orientação de gênero masculina, segregando a prática de muitas modalidades por sexo. (CARDOSO et al., apud CARVALHO et al., 2017)

O esporte foi se associando cada dia mais a ótica comercial onde além da relação esportiva existem as relações com a mídia e o público, dessa maneira, o esporte e seus atletas tornaram-se objetos de conhecimento e informação amplamente divulgados a sociedade.

A busca da melhoria da qualidade de vida fez com que uma grande quantidade de pessoas buscasse praticar esportes, visando estimular suas potencialidades e possibilidades, em prol de seu bem-estar físico e psicológico. Jornais, rádio e televisão difundem ideias sobre a cultura corporal de movimento distorcendo o conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva dos atletas, dirigentes, treinadores e espectadores. Informações sobre o esporte estão acessíveis em vários meios de comunicação, nem sempre com o conhecimento técnico-tático e ética que seria desejável.

Antigamente, denegrir fisicamente e/ou emocionalmente mulheres, negros e homossexuais, por exemplo, era uma prática recorrente e não considerada como uma forma de preconceito e violência na sociedade. Os alvos de tamanha discriminação escondiam-se no próprio sofrimento sem ter a quem recorrer para sua própria defesa.

Bochinni (2015) destaca a importância do entendimento que esse processo discriminatório já era visto nas aulas de educação física escolar, onde as práticas pedagógicas tinham sua base em pressupostos biológicos e motores, dando ênfase ao corpo perfeito e atlético e aos alunos que detinham grandes habilidades técnicas e motoras. Assim, todos os alunos que fugiam desse padrão eram excluídos, contribuindo para a ampliação e perpetuação do preconceito.

As mudanças na conscientização da sociedade em relação ao respeito, escolhas e particularidades das pessoas, aparecem hoje através da tecnologia nos aproximando dessas realidades, porém, também nos mostra o quanto ainda existem pensamentos e atitudes preconceituosas na sociedade atual. A superação da discriminação e do preconceito é essencial para a evolução de uma sociedade justa e igualitária. Uma conquista para as chamadas minorias, que muitas vezes estão escondidas com medo do “julgamento” impostos pela sociedade em geral e muito difundida hoje devido as mídias sociais.



O presente estudo tem como objetivo identificar o preconceito existente no esporte voleibol com atletas homossexuais e transexuais.

Como objetivos específicos vamos investigar se o preconceito no esporte está ligado com o preconceito na sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O PRECONCEITO

O preconceito, usualmente incorporado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão, portanto da violência. Ele tem como objetivo a percepção falsa e/ou incompleta da situação que lhe é apresentado, criando uma imagem distorcida e/ou contrária dos padrões que a sociedade exige, constringendo todo aquele que não cumprir o papel que seu gênero de origem pede, como uma ordem, uma obrigação.

Para a concepção de Souza (2008): “As questões de gênero e a construção social sobre o que significa ser mulher ou ser homem em nossa sociedade, bem como os padrões vigentes de feminilidade e masculinidade, atravessam todas as nossas relações. E a reprodução de determinados papéis usualmente vinculados aos chamados universos femininos ou masculinos, faz com que por um lado, tenhamos que condicionar nossas vidas as possibilidades e restrições, que nos chegam junto ao fato de sermos mulheres ou homens. E, por outro lado, aquele ou aquela que não esteja dentro do que se espera de uns ou de outras, sejam constantemente lembrados (as), que não estão cumprindo seu papel a contento. Frases como “lugar de mulher é na cozinha” ou “homem não chora”, continuam sendo repetidas quase que automaticamente, e elas muito nos dizem sobre o que a nossa sociedade espera de mulheres e de homens. Essa separação binária das condições dos indivíduos, em que a mulher cabe tudo o que a sociedade percebe como “feminino” (a casa, por exemplo), e ao homem tudo o que é “masculino” (a rua, por exemplo), abre pouca possibilidade para a ambiguidade, para o que não é e não precisa ser uma coisa nem outra. Daí advém, a discriminação e a violência sofrida por homossexuais, travestis, transgêneros, etc”. (OTT, SIQUEIRA 2010).

O preconceito é um juízo de valor criado sem razão objetiva e que se manifesta por meio da intolerância, causando constrangimento e desvalorização do indivíduo que está sendo atingido. Ele pode se sobressair através da violência física, verbal e, na grande maioria das vezes, emocional, podendo envolver a condição financeira, a cor da pele, a vestimenta, a condição física, a opção sexual, a cultura, a religião, a forma de falar e de se expressar na mídia e até mesmo no dia a dia.

A discriminação se origina a partir de opiniões distintas, quando não se há a sensibilidade de se colocar no lugar do outro, ou apenas, respeitar o posicionamento alheio. Esse comportamento pode gerar euforia, desconforto, intriga e ódio, características de uma



sociedade desatenta e irracional, uma sociedade que prefere oprimir do que ajudar, sem a menor cautela das consequências que a situação pode se tornar.

Diversas manifestações de afirmações identitárias, declarando o orgulho de ser negro, de ser homossexual, de ser mulher, de ser indígena, entre outras, denunciavam a existência de preconceito, discriminação e exclusão nas várias esferas da sociedade e preencheram as agendas da reflexão sócio antropológica. Marchas e declarações colocavam a nu a presença inquietante da violência nas relações sociais, como também reações se manifestavam contra os sujeitos-objetos de violência. De fato, os diversos movimentos tentavam enfrentar as atribuições identitárias negativas, opondo, ao sentimento de vergonha e do silêncio que tinha sido construído através de sociabilidades baseadas na negação da alteridade, o sentimento de orgulho. O sentimento de vergonha que se desejava combater, por ser homossexual, negro, mulher, velho, indígena, deficiente, pobre, entre outros, revelava a luta contra a atribuição social de um valor negativo à diferença do outro: o preconceito. (BANDEIRA, BATISTA p.125, 2002).

A certeza de um grupo de que uma raça é superior à outra não é novidade. O poder de escolha sempre foi dado aos mais favorecidos socialmente diante do caos em que a sociedade vive. As decisões que martelam o tratamento com as “minorias” rejeitadas vêm sempre dos que se sentem superiores por suas condições financeiras, ou pela opinião formada de que “homem é homem, e mulher é mulher”, tendo em vista que sua condição binária deve ser posta em primeiro lugar, descartando a falta do bem-estar com o próprio gênero.

2.2 O PRECONCEITO NO ESPORTE

Pertence à cultura tudo aquilo que os homens e mulheres acrescentaram à natureza. Formaram-se, assim, distintos domínios culturais, como a linguagem falada e escrita, a comunicação e a expressão. O domínio da corporeidade, ou a forma de ver, sentir e usar o corpo, é um desses domínios, e envolve um conjunto de práticas como a dança, os jogos, as lutas, as brincadeiras, o teatro, as práticas circenses e também o esporte. (REIS 2014 p. 679).

Na antiguidade, as mulheres eram proibidas de participar dos jogos como atletas ou mesmo como espectadoras. As mulheres, portanto, tiveram que percorrer um longo caminho para que pudessem participar dos jogos. E mesmo hoje, há ainda uma presença masculina predominante no esporte, embora a inclusão da mulher no mundo do esporte tenha variado em épocas e culturas diferentes. Foi a partir do século XIX que a vida doméstica da mulher começou a mudar, com a prosperidade econômica e tecnológica, além de inovações médicas e da qualidade de vida. Assim, a mulher começou a deixar o mundo privado da casa e a participar de outras atividades, ampliando sua participação social, inclusive no esporte. O esporte também auxiliou a ampliar o círculo social no qual as mulheres estavam restritas. (REIS 2014 p. 671-672).

A vivência esportiva é uma prática social que envolve diversos significados, valores e atitudes, quando praticados de forma honesta e igualitária, enriquece os princípios morais, a sociabilização e o respeito às diferenças.



O esporte vai muito além dos movimentos ensaiados no momento de uma partida, ele vem por meio da prática promover a saúde, o bem-estar, a integração social e, principalmente, a educação. Educação essa, que se refere a todos os momentos e ambientes que o participante esteja trazendo os benefícios da igualdade e da cumplicidade coletiva e individual, mostrando aos atletas, técnicos e os espectadores, que a vida vai muito além das quadras, nos aproximando de realidades que existem “em baixo dos nossos olhos”, recheadas de ódio, preconceito e discriminação.

A discriminação na vivência esportiva é gerada bem antes de pisar em um ginásio, às vezes, nascem nos bastidores, em um treino corriqueiro do dia a dia, no banheiro nos momentos de banho ou até nas reuniões frequentes voltadas para as modalidades praticadas pelas equipes. Essa problematização se protagoniza quando essa intolerância ganha expansão de forma global, quando sai do controle da vítima e do(s) acusador(es) e passa a ser um produto comercial na mídia diante de todos aqueles que acreditavam na potencialidade daquele indivíduo, que passa a ser taxado por sua “incompetência confusa de identidade”.

Goellner, Votre, Mourão, Figueira, (2009) destaca que a palavra *problematizarmos* aproxima de realidades que confundem a ideia do certo e do errado, nos mostra que as nossas crianças estão aprendendo desde cedo que o “rosa é para meninas, e o azul é para meninos”, que o ballet é praticado apenas por meninas, enquanto que, os meninos ficam com as modalidades de contato físico como o futebol, o basquete e as lutas, por exemplo. Essa realidade que nos parece tão inofensiva e certa, gera o início do preconceito e da discriminação, que ficam fantasiados com as boas/falsas intenções dos grupos de elite que dá início a essa diferenciação com os grupos menosprezados.

Quem conhece a educação física sabe, pois, quais os esportes que a mulher pode e deve praticar, dadas as suas condições fisiológicas, pasma ante tal “espetáculo” que se quer levar a cabo. O futebol é condenado até para rapazes menores de 17 anos, e é proibido terminantemente para as mulheres. Qualquer simples monitor de ginástica sabe que a educação física feminina é dosada e é necessário controlá-la. No próprio atletismo, que é o esporte-base por excelência, a mulher só pode praticar determinadas provas, e assim mesmo dentro de normas e cuidados especiais. O bola ao cesto praticado pela mulher não é ainda muito aconselhável. As próprias leis de jogos são diferentes das masculinas, justamente por ser exaustivo o emprego físico. Somente o tênis e a natação são aconselháveis, assim mesmo com moderação. Agora temos aí o futebol feminino — a última invenção carioca — a querer tentar a sua vida em nossa Capital, dentro de um Estádio Olímpico, que é o do Pacaembu, com um enorme cartaz de propaganda barulhenta! (HELÊNICO, 1940 *apud* FRANZINI, 2005).



Kessler, (2015) presenciou futebolistas sendo xingadas de “cavala”, “animal”, “monstra” ou “ogra”. Essas jogadoras eram assim chamadas, pois eram consideradas não mulheres, mulheres que se desviavam do que naturalmente era considerado como “essencialmente feminino”. (KESSLER, 2015 *apud*.CAMARGO W., KESSLER C. 2017)

Bozzi, (2008) reflete que o corpo é a principal forma de manifestação, sendo fruto do preconceito imposto pela sociedade, onde o sujeito precisa seguir um padrão para se adequar ao atlético perfeito, estando disposto a passar por situações de calamidades humilhantes, preconceituosas, racistas e discriminativas (SALES, ALMDEIDA, 2015).

2.3 O PRECONCEITO CONTRA HOMOSSEXUAIS NO VOLEIBOL

Segundo (Mouillaud, 1997 *apud* Anjos, 2015), as homossexualidades, sobretudo no campo esportivo, parecem ser consideradas demasiadamente indesejáveis ou intoleráveis para se tornarem notícia, mantendo-se, assim, sob o silêncio, como algo marcado para não ser percebido.

O fato mostra como a homossexualidade ainda é tabu no campo do esporte, espaço regido por heteronormas que cerceiam as carreiras de atletas em regulações sociais, em especial entre atletas gays que fazem a opção por “sair do armário” publicamente (BRITO. P.1, 2016).

Martins (2011) afirma que “primeiro caso de um atleta de voleibol brasileiro a se anunciar como homossexual foi em 1995, o jogador Lilico: o atleta criou polêmica no meio do esporte, pois afirmou diversas vezes em entrevistas que não era convocado para seleção principal – embora tenha participado de seleções de base – por ser gay. O atleta faleceu ainda jovem, aos 30 anos, em 2007, por complicações causadas por um AVC - acidente vascular cerebral” (BRITOS, PONTES, PEREIRA, p.180, 2016).

“No decorrer da temporada 2010/2011, mais especificamente no primeiro jogo do playoff semifinal entre os times do Sada/Cruzeiro e do extinto Vôlei Futuro, a Superliga Masculina de Vôlei também foi palco de um caso de homofobia que envolveu o atleta Michael, jogador do Vôlei Futuro, e a torcida do Sada/Cruzeiro. Michael, durante o jogo, foi hostilizado pela torcida do time adversário, que atuava em casa, na cidade de Contagem/MG, com os xingamentos de “bicha” e “viado”. Logo após o episódio, Michael, com o apoio dos companheiros e da equipe, assumiu-se publicamente como gay, com o objetivo de divulgar de forma ampla a questão da homofobia no esporte brasileiro. O fato causou muita repercussão na mídia brasileira e internacional, gerando também pesquisas acadêmicas sobre o fato” (BANDEIRA, 2013; ANJOS, 2015 *apud* BRITO, PONTES, FERREIRA, 2016).

O atleta Michael comentou sobre o ocorrido em uma entrevista para um site esportivo:



“Sinceramente, nunca havia sofrido nenhum preconceito. Sempre fui muito bem tratado por dirigentes, jogadores e todo mundo do vôlei. O que aconteceu em contagem foi uma situação muito chata, foi uma antes e depois na minha vida. É uma coisa que dói, machuca, humilha e deixa triste. Existem família e amigos que sofrem com tudo isso. Ainda temos muito que melhorar com relação a preconceito e aceitação. Quanto mais pessoas públicas puderem falar sobre isso, mais as pessoas vão ver que é natural. Eu pago imposto como qualquer outra pessoa e não vou interferir na vida de ninguém”.

“Apesar da sociedade em que vivemos já apresentar fortes padrões heteronormativos, as arenas esportivas destacam-se como espaço em que há maior permissividade para expressar tais construções de formas explícitas, ofensivas e agressivas”. (ANJOS L. A., p.16, 2015).

Hoje, Michael é mais que um jogador de vôlei, militante da causa, tornou-se um símbolo do movimento no esporte. Com sua postura, mesmo sofrendo preconceito durante a partida e assumindo ser homossexual em público, abriu as portas para mais debates sobre casos como o dele serem vistos com mais prioridade pela sociedade como um todo.

O mesmo aconteceu com a Lili, atleta do vôlei de praia, e Larissa, que afirmaram o matrimônio e tiveram que enfrentar as interrogações que se tornaram inevitáveis, antes da estreia do Circuito Brasileiro em 2013. Juntas, tiveram que enfrentar as críticas fluentes nas mídias que se dispuseram a fornecer informações pessoais como um produto de comércio.

Valadão et. al., (2013) diz:

[...]Que tenho a dizer para não aceitar a “política gay”? Tenho a dizer muita coisa, como heterossexual, sou inutilmente e permanentemente agredido gratuitamente por imagens e declarações simplesmente imorais e inaceitáveis. Neste sentido, a “imprensa burguesa” noticia diariamente coisas como (citemos os mais sedutores e preocupantes): “Daniela Mercury se casou com Malu Versoça em Salvador”; “Jogadoras de vôlei de praia, Larissa e Lili se casam em Fortaleza” etc... a coisa se espalha feito “efeito borboleta”, ou como “cogumelos depois das chuvas”.

Um dos casos mais interessantes e curiosos que podemos citar sobre a homossexualidade no vôlei, é um time tailandês que foi campeão local, mas formado por jogadores que por serem gays eram rejeitados em outros times, caso que foi retratado no filme “damas de ferro”.

“Embora o tema mais aparente seja o do preconceito existente no âmbito esportivo em relação a atletas homossexuais, a partir de um fato real, a conquista em 1994 do campeonato tailandês de vôlei masculino por uma equipe majoritariamente composta por homossexuais (título que só foi reconhecido dois anos depois pela federação local), é interessante salientar



que o filme permite ler uma gama de comportamentos e de conflitos de gênero muito diferenciados”. (MELO, ROJO, p.2, 2006)

2.4 O PRECONCEITO CONTRA TRANSGÊNEROS NO VOLEIBOL

Na atualidade e com maior impacto, o esporte vem passando por uma crise ética em que o atleta é atingido pela população que acaba marginalizando as pessoas que se autodeclaram transgêneros, ou seja, aquelas que não se encaixam no modelo binário estabelecido, pelas próprias escolhas que se referem a modalidade e gênero. Os princípios éticos esportivos estão sendo esquecidos e outros recursos como as manipulações de jogos, violência, preconceito e etc. estão ganhando protagonismo no esporte.

De acordo com as normas do COI (Comitê Olímpico Internacional), os transgêneros precisam apenas ter a quantidade de testosterona controlada para poder competir em equipes femininas.

Um dos casos mais recentes e notórios é o da atleta brasileira transgênero Tiffany Abreu, atualmente jogadora de uma equipe masculina na Bélgica. Tiffany, que se chamava Rodrigo Pará quando jogava no Brasil, durante a temporada 2013/2014 atuava numa equipe em Amsterdã onde começou sua transição de gênero, sendo apoiada pelo clube holandês nesse processo de mudança (BRITOS, PONTES, FERREIRA *apud.* BRITO; PONTES, 2015).

No início de 2017, Tiffany recebeu permissão da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) para competir em ligas femininas. Hoje, se tornou em percentuais umas das maiores pontuadoras da Superliga feminina de vôlei.

O desempenho dos transgêneros divide opiniões sobre levar vantagens nas disputas por sua estrutura fisiológica, despertando diferentes reações no público que acompanha os desdobramentos de cada caso.

Inúmeros comentários são feitos sem nenhum embasamento científico e demonstram o preconceito que ainda está enraizado na sociedade, tanto por atletas, quanto por pessoas comuns que não têm conhecimento sobre o assunto, e mesmo assim opinam sobre o tema. Vários desses comentários são preconceituosos e chegam até a denegrir a imagem da atleta como pessoa, fato constatado na tabela 2, onde em reportagens encontradas em sites da internet é possível compreender melhor sobre o preconceito as atletas trans.

A inclusão do transgênero no esporte ainda é um tema pouco estudado e bastante polêmico. São necessários mais estudos sobre a temática para afirmar que existem vantagens ou não para atletas transgêneros no esporte.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, utilizou-se uma revisão de literatura do tipo narrativa. Revisão da literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. “Literatura” cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos.

Cordeiro et. al., (2007) afirma que:

A revisão da literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva.

3.1 Definições das informações a serem extraídas dos estudos selecionados

Para que a extração de dados dos artigos selecionados possa ser viabilizada, utilizar-se um instrumento previamente elaborado, apto a assegurar a seleção de todas as informações importantes, bem como reduzir os riscos de erros na transcrição e garantir a precisão na verificação das informações.

O instrumento citado para coleta dos dados consistirá nos seguintes itens: título do artigo, periódico, autores, ano de publicação, objetivo do estudo e abordagem do tema.

3.2 Avaliações dos estudos incluídos

Realizada a seleção dos artigos científicos que se enquadrem nas condições propostas, procedida uma leitura atenta de todo o material, cuidando para a pronta exclusão daqueles que estejam fora do que se propôs nesta revisão literária. Isto posto, os dados serão coletados, classificados e organizados graficamente e em tabelas, quando for o caso.

3.3 Interpretações dos resultados

Os resultados da avaliação realizada serão comparados com o conhecimento teórico já consagrado, bem como será feita a identificação de conclusões e implicações resultantes da



revisão integrativa. Além disso, serão propostas sugestões pertinentes para futuras pesquisas relacionados atividades físicas em condomínios.

3.4 Apresentações da revisão / síntese do conhecimento

A questão norteadora para elaboração da presente revisão integrativa consistiu em: Existe preconceito contra homossexuais e transexuais no voleibol?

De acordo com o objetivo da pesquisa, os artigos referentes à temática abordada foram pesquisados nos seguintes bancos de dados das bibliotecas eletrônicas: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, no período de fevereiro a maio de 2018. Foram utilizados os seguintes descritores: preconceito, esporte e voleibol

Os critérios de inclusão foram: artigos cujo tema central eram preconceito e voleibol. Foram utilizados 12 artigos para o estudo em questão, e foram pesquisados e 01 livro. Logo após verificar os artigos selecionados e os livros como um todo foi constatado a relevância para esta revisão narrativa, no sentido da preponderância do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente artigo mostra que a realidade no esporte como um todo em termos de preconceito homossexual ainda é um tabu, sendo ele com atletas transgênicos ou gays. Grande parte da sociedade ainda não aceita casos assim no esporte e na vida social, o que causa bastante desgaste para o atleta e torcedores em geral.

Os valores esportivos estão perdendo cada vez mais espaço por conta da falta de conscientização da sociedade em torno da discriminação sexual, atletas que se sentem oprimidos pela sociedade e até colegas de profissão que destoam suas imagens e denigrem a imagem esporte.

Casos recentes no esporte brasileiro, em foco no vôlei, chamaram muita atenção exatamente pela falta de caráter de alguns torcedores, como no caso do Michael, que em pleno século XXI foi hostilizado em uma arena de vôlei, e a Tiffany, que durante muito tempo jogou com os homens, fez tratamento hormonal e hoje joga na Superliga feminina de vôlei brasileiro, mas não é uma exceção, além de hostilizada por torcedores, sofre também para ter aceitação das atletas de sua categoria.

Podemos ver que ainda falta muito para o esporte ser modelo de exemplo igualitário, sociável e de companheirismo, que deveria, até de certo modo, servir de inspiração para a sociedade que se denigre por si só. Infelizmente, ainda percorremos um grande caminho



paralelo a discriminação, que inspira e alimenta uma triste realidade, frustrando aqueles que acreditam em uma sociedade mais justa, tendo o esporte como seu aliado para enfrentar as barreiras da desigualdade social.

Quadro 1: comentários de atletas e jornalistas sobre os casos:

COMENTÁRIOS	SITE
Sheilla, sobre transexual no esporte: “Imagina se vira onda”?	globoesporte.com
Tandara, “Hoje, independente se a Tiffany faz a diferença ou não, eu discordo da presença dela na Superliga Feminina”.	gazetaesportiva.com
Ana Paula, “Muitas jogadoras não vão se pronunciar com medo da injusta patrulha, mas a maioria não acha justo uma trans jogar com as mulheres. E não é. Corpo foi construído com testosterona durante a vida toda. Não é preconceito, é fisiologia. Por que não então uma seleção feminina só com trans? Imbatível!”	correiodoestado.com
Ana Paula, "o problema é que todas as jogadoras não puderam construir seus corpos, músculos e ossos com a ajuda da testosterona, e essa moça pôde durante anos".	correiodoestado.com
“Uma coisa, porém, é apoiar a causa gay. A outra é revelar-se como um e conviver em meio à intolerância. “O esporte não é lugar de inclusão, pelo contrário, é excludente por natureza”, afirma o antropólogo Wagner Xavier Camargo, ligado à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), estudioso da relação entre esporte e gênero. “O esporte é uma instituição segregadora de gênero, em que não se admite a ideia que haja outro (gênero) que não seja o masculino, o dominante”.	estadão.com
Murilo, sobre xingamentos a Michael: ‘Não vejo o caso como homofobia’ Jogador do Sesi diz que insultos da torcida foram apenas para desestabilizar o central do Vôlei Futuro: ‘Não foi a primeira vez, e nem vai ser a última’.	jornalggn.com
Sobre Michael: Isso é jogada para querer desestabilizar o time do cruzeiro, usando o jogador que se sentiu ofendido! em jogos todos os jogadores adversários são chamados de viados, cornos e FDP, pela torcida da casa, somente o gay se sentiu ofendido de ser chamado de gay! Mario Blaya	jornalggn.com
Sobre Michael: palhaçada pura, tudo foi marketagem, desde o jogo com a camisa em arco-íris! Mario Blaya	jornalggn.com

Fontes: Dados da pesquisa

Quadro2: comentários dos leitores

COMENTÁRIOS	SITE
“A possibilidade de se ter 3 Tandaras em um mesmo time é praticamente nula, mas de ser ter 3 homens travestidos de mulher não”. Daniel Schwartz	globoesporte.com
“Vamos ver quando "eles" que se declaram como "ela" começarem a tomar o espaço de muitas mulheres pra ver se elas vão concordar. UFC já teve disso, agora no vôlei....vamos ver até quando as mulheres vão apoiar a perda de seu espaço pra alguém que geneticamente é homem.” Vinicius Alexandre	globoesporte.com
“Se tem vagina A Tiffany é mulher. O par de cromossomos é XX. É no que a esquerda, o socialismo e o comunismo transformam as pessoas: em idiotas, ao ponto de terem suas mentes idiotizadas com essa idiotice de trans, ideologia de gênero e afins”. Ivar Assis do Nascimento	estadão.com
“Realmente faz história, pois é uma mulher fisiologicamente homem, não adianta só baixar o nível de testosterona, o corpo humano é mais complexo que isso”. Roberto Luiz	ig.esportes.com
“Falou a que namorava com a Mariana Brochado, esperar o que? Ainda mais ela que vai se aposentar. O cara jogou CINCO anos no masculino contra HOMENS e agora virou mulher? Estão acabando com o esporte feminino, isso sim. Daqui a pouco virá uma seleção "feminina" de um país sem tradição só com macho. Aí eu quero ver.” Daniel Schwartz	globoesporte.com
“No dia que esse Tifão engravidar e tiver um filho, ou pelo menos menstruar, aí sim, pode ser considerado mulher”. Francisco Alves	globoesporte.com
“Bom parece que a fabizinha mudou o discurso ela é flamenguista, pq a última que ví dela era que não concordava com este trans no time feminino. Fico triste fabi pois você seria um grande reforço apor ordem nesta palhaçada”. Nilce Matos	globoesporte.com

Fonte: dados da pesquisa

Foi possível visualizar nos sites que nos comentários de atletas, técnicos, jornalistas e público a presença dos homossexuais no esporte ela é tranquilamente admitida, e que a questão do preconceito é simplesmente pela opção sexual do indivíduo, como foi o caso do atleta Michael do Cruzeiro. Já a aceitação de atletas transgêneros no esporte é mais complicada e com mensagens de internautas por diversas vezes ofensivas, não mediram palavras para se expressarem sobre o caso, mesmo sem fundamentação científica alguma. Algumas atletas se posicionaram contra a participação da atleta Tiffany, que jogou a temporada da Superliga 2017/2018 pela equipe feminina do Bauru. Técnicos e jornalistas já são mais divididos com o caso. Hoje a FIVB segue o direcionamento do COI que autoriza transexuais competirem no



naípe feminino, desde que estejam a mais de 12 meses dentro dos padrões de testosterona estabelecidos para mulheres no esporte. Mais estudos são necessários para afirmar com clareza se a participação ou não de transexuais no esporte feminino continuará a ser autorizado no futuro devido os fatores fisiológicos que a testosterona causou no crescimento do indivíduo. Longe da parte científica, o que podemos ver quando as matérias nos sites são abertas para a opinião do público, é que os posicionamentos sobre tema, sempre vem recheado de preconceito, muitas vezes ódio e com nenhum contexto científico. São usados sem nenhum resquício de compreensão e tão pouco entendimento dos casos que são compartilhados na mídia diariamente.

Nesse sentido, a utilização de recursos digitais foi bastante satisfatório para que se obtivesse um resultado real o preconceito no voleibol. Livros, revistas, jornais e artigos que também tratam sobre o assunto com relevância e conhecimento estão disponíveis de maneira muito abrangente, levando aos leitores a realidade atual para que possamos agir contra essa discriminação tão descontrolada, através de diálogos abertos onde cada indivíduo possa se expressar de forma democrática, sem o receio de ser ofendido e mal interpretado.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente artigo possibilita um meio para analisar como vem sendo tratado a questão do preconceito sexual no esporte, voltado para o homossexual e transexual, fomentando uma reflexão para a sociedade em relação sobre a questão do esporte, que é considerado inclusivo, independentemente de raça, cor e gênero e opção sexual.

De um modo geral, podemos ver que há uma questão de valores tradicionais que não aceitam o “diferente” e muitas vezes é tratado com irracionalidade por parte da população. O preconceito existente na sociedade que vivemos faz com que os atletas homossexuais muitas vezes tenham medo de expor suas opções com receio do julgamento e preconceito sofridos por uma questão de escolha pessoal, despertando assim o medo nos integrantes que optam por silenciar, por medo da humilhação e do rebaixamento.

De acordo com a pesquisa realizada foi possível perceber que essa é uma questão bastante abrangente e que ainda deve gerar muita discussão. O respeito, que deveria ser um princípio básico de qualquer sociedade, muitas vezes é substituído por um discurso sem fundamentos científicos e de puro ódio.

Portanto, a importância de discutir o preconceito no voleibol torna-se indispensável para buscarmos um esporte mais inclusivo e justo, levando em consideração que no esporte a inclusão social é de extrema importância, assim como a cooperação e o respeito ao próximo,



trabalhar esses valores com as gerações atuais é essencial para tentar diminuir e quem sabe acabar com o preconceito no voleibol, no esporte e na sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ANJOS L. A. “Vôlei masculino é pra homem”: Representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia”. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, 2015.

BANDEIRA L., BATISTA A. S. Preconceitos e discriminação como expressões de violência. **Rev. Estudos femininos**, Vol. 10, pág 125, 2002.

BOCHINNI, D., MALDONADO D. T. Futebol e voleibol na educação física escolar: Quem pode jogar? **Rev. Bras. Educ. Fis. Escolar**, ano I, v.2, 2015.

BRITO, L. T. “Deixa a pinta pra fora da quadra”: Sobre heteronormatividade e precariedade no contexto do voleibol. **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Salvador, 2016

BRITOS, L.T, PONTES, V.S, PEREIRA, E.G.B, Masculinidades queer no voleibol - revisitando “The iron ladies”. **Textura**. Canoas v.18, n.38, 2016.

CAMARGO W. X., KESSLER C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos [Online]**. V.47, 2017. Acesso em 08 junho 2018.

CARVALHO HP et al. Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: a percepção de atletas homossexuais. **Revista Bras. Ciência e Movimento**. v.25, n.2, p.84-98, 2017.

CORDEIRO, et. al. Revisão sistemática: Uma revisão narrativa. **Revista Col. Bras. Cirurgia**. v. 34, n.6, p. 428-431, 2017.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira História**. São Paulo, vol.25, n.50, 2005.

GOELLNER S. V. et al. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte e Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009

MELO, V. A., ROJO, L. F. As damas de ferro – Comentários do filme. **Esporte e Sociedade**. n.2, 2006.

REIS, ALFEU. **Educação física para todos**. São Paulo, DCL, 2014.



SALES L. V., ALMEIDA N. F. V. Diversidade racial e educação física escolar na revista brasileira de ciências do esporte (1979-2013). **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 13, n. 1, p. 129-161. 2015.

VALDÃO, Walter Aguiar. **Direito à extinção da espécie humana ou o amor homossexual como fundamento da interdependência dialética dos conceitos de família e de dignidade**. Boletim Jurídico, Uberaba/MG, a. 13, no 1127.